
Jornalistas em formação: práticas educomunicativas que humanizam¹

Eduarda Yamaguchi de MORAES²
Leonardo Velloso VASSOLER³
Loise Bergamo Fernandes MONTEIRO⁴
Lucas Eduardo Figueira SILVA⁵
Sara Oliveira Camelo Costa MORAIS⁶
Diva Souza SILVA⁷

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

A educomunicação configura uma interface comunicacional fundamental para a prática jornalística, ao passo que possibilita a construção de um jornalismo cada vez mais humanizado e preocupado com o seu público. Neste artigo, a comunicação e a educação serão discutidas através dessa importância do olhar crítico e consciente dos profissionais jornalistas, considerados formadores de opinião na atualidade. Além disso, serão apresentadas as formas de aplicação desses conceitos nas universidades, com ênfase nas análises e experiências do Projeto de Bolsa de Graduação (PBG) Educomunicação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com o objetivo de refletir sobre esse campo de interação.

Palavras-chave

Educomunicação; Jornalismo; Comunicação; Educação.

Introdução

A aproximação da educação na esfera comunicacional é uma discussão antiga e se consolidou através de debates de profissionais das áreas a respeito de uma mídia que

¹Trabalho apresentado na IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, realizado de 03 a 05 de junho de 2019.

²Aluna do curso de jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: dudaymoraes@gmail.com

³Aluno do curso de jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: leonardovvassoler@gmail.com

⁴Aluna do curso de jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: loisemonteiro@hotmail.com

⁵Aluno do curso de jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: leduardo183@gmail.com

⁶Aluna do curso de jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: saraoliveiraufu@gmail.com

⁷ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: diva@ufu.br

auxiliasse na formação de indivíduos. Assim, o conceito de educomunicação teve seu surgimento marcado por diversas correntes de pensamento que buscavam uma definição para esse novo campo de estudo.

Considerado patrono da educação no Brasil, Paulo Freire (2010) inaugurou esses debates sobre a interface entre a comunicação e a educação, ao afirmar que a autonomia do indivíduo depende da comunicação, assim como as relações humanas em sociedade e o seu processo de conscientização. Em sua obra “Extensão ou Comunicação?”, definiu uma ideia de pedagogia baseada na troca de conhecimentos entre o educador e o educando, em que o indivíduo em formação compreende o conteúdo através de uma aproximação com suas próprias experiências de vida. Dessa forma, a educação, de acordo com Freire, deve ser pautada por relações comunicacionais, para que o aluno possa se sentir próximo do que é ensinado e pertencente daquele mundo.

Esse conceito também se faz presente na própria área da comunicação, através de uma mídia que cumpra papel conscientizador e que, além de informar, procure educar o público. Assim, Ismar Soares define o conceito através da ideia de dialogicidade, em que esse conjunto de ações e produtos comunicativos possam se transformar também em espaços voltados para a educação.

A interdiscursividade, vale dizer, o diálogo com outros discursos, é a garantia da sobrevivência do novo campo e de cada uma das áreas de intervenção, ao mesmo tempo que vai permitindo a construção de sua especificidade. Este interdiscurso é multivocal e o seu elemento estruturante é a polifonia. A alteridade é a dimensão constitutiva deste palco de vozes que polemizam entre si, dialogam ou complementam-se. (SOARES, 2000, p. 22)

Nesse sentido, o jornalismo tem papel fundamental em transformar, cada vez mais, a mídia em um ambiente educacional, por meio de características dialógicas e interativas que aproximem os espectadores do veículo. O objetivo principal, portanto, do que se consolida como um produto educacional é “fazer com” as pessoas e realizar trocas de vivências que possibilitem a formação de uma criticidade através da prática jornalística.

Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro dessa perspectiva de comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo. (SOARES, 2000, p. 20)

O profissional jornalista precisa, no momento atual, ter consciência de sua função como educador, para que possa, de maneira clara e fácil, transmitir o conhecimento ao público, que disseminará o que foi compreendido através dessas trocas dialógicas. Além disso, precisa também entender seu lugar como aprendiz, já que não é detentor de toda a razão. Para que o jornalismo seja mais humano, é necessário que se estabeleça essa via de mão dupla, em que o educador-aprendiz realiza seus produtos em conjunto com os indivíduos, contribuindo para a formação de mentes problematizadoras acerca da sociedade, que questione e critique sempre que receber uma informação. A educomunicação, portanto, pauta essa necessidade do jornalista de estar em conexão com quem recebe a informação, distanciando-se da ideia de uma comunicação puramente extensionista criticada por Freire (2010).

A Educomunicação no campo do jornalismo

A educação se mostra atrelada à comunicação em relação a um jornalismo emancipatório, conceito que se aproxima dos fundamentos da sistematização da experiência proposto por Oscar Jara, sociólogo e educador peruano citado por Oliveira (2014). O conceito, atado ao jornalismo, tem como objetivo responder as perguntas “por que passou isto que passou” e “por que não passaram outras coisas”. Esses questionamentos fazem o jornalista se questionar o motivo de ter passado apenas um lado da história, por exemplo. O fato de ter poucas fontes em uma produção jornalística faz com que a matéria tenha poucos pontos de vista e, assim, apresente apenas poucas concepções de um tema, algo contrário às ideias de um jornalismo emancipatório.

Este educador elaborou esta proposta metodológica como uma forma de realizar procedimentos de avaliação processual de experiências de movimentos sociais no sentido de instrumentalizar suas formas de renovação e readequação (OLIVEIRA, 2014, p. 218).

Por mais que os objetivos do jornalismo emancipatório sejam diferentes dos propostos por Jara, entende-se que o seu cuidado de criar um procedimento metodológico que parta da análise de “experiências vividas” pelas classes subalternas é um interesse em comum.

De acordo Dennis de Oliveira, professor da Universidade de São Paulo (USP) que articula conceitos de Paulo Freire à prática jornalística, o jornalismo emancipatório deve

estar associado a uma visão crítica dos fatos e uma forma de dar voz a todos os sujeitos da sociedade, inclusive aos oprimidos que, casualmente, não são vistos nas produções jornalísticas.

Um jornalismo emancipatório se faz, necessariamente, por um ponto de partida de criticidade do contexto vivido – só se pretende ser emancipatório se considerar o contexto vivido como opressor. E há uma posição tomada, que é a do oprimido (OLIVEIRA, 2014, p. 222).

Dessa forma, Oliveira afirma que, assim como em tudo que a educomunicação está presente, é necessário que haja o diálogo entre a fonte e o jornalista para que a pessoa que irá escrever entenda o lugar do oprimido e, com isso, possa falar sobre aquele ponto de vista.

Por isto, as teorias de Paulo Freire que apontam para uma mudança nas relações humanas – de opressor/oprimido para seres em diálogo – é a referência utilizada para o jornalismo como ação cultural de emancipação (OLIVEIRA, 2014, p. 15).

O pesquisador, ainda, explica que apenas o diálogo não é fundamental para que ocorra o jornalismo emancipatório, é preciso estabelecer um viés crítico dentro da produção, que demonstre certo esclarecimento sobre o assunto para poder criticá-lo. Contudo, nem sempre o jornalista tem a possibilidade de colocar um ponto de vista crítico na matéria por estar dentro de um jornal que já tem um ponto ideológico pré-estabelecido. “Por esta razão que práticas de jornalismo emancipatório nas mídias hegemônicas serão sempre de caráter ‘episódico’, pois contrastam com os objetivos ideológicos do veículo”. (OLIVEIRA, 2014, p.233).

Oliveira utiliza dois exemplos para demonstrar o jornalismo emancipatório em diferentes veículos: o primeiro relaciona-se a uma reportagem da Folha de S. Paulo que aborda o trabalho escravo, escrito pela jornalista Elvira Lobato, e o segundo é sobre uma matéria a respeito da beleza feminina, divulgada na edição de novembro de 2013 do jornal comunitário Notícias do Jardim São Remo e escrita pela estudante de jornalismo Amanda Manara. No primeiro exemplo, Lobato utiliza de diferentes aspectos para enquadrar a reportagem no jornalismo emancipatório. Um desses tópicos é a diversidade de fontes, tanto dos sujeitos que estavam sendo escravizados quanto dos empreiteiros do trabalho escravo. Além disso, a reportagem da Folha de S. Paulo coincide com a descrição de cotidianos de pessoas envolvidas, como o relato de uma das pessoas escravizadas que foi resgatada diversas vezes, mas que sempre voltava ao mesmo cenário por falta de

oportunidades. Assim, a reportagem não é neutra e toma um ponto de vista crítico, devido ao fato de se declarar contra a escravidão no agronegócio. O exemplo de Manara não é diferente, a autora utiliza de diferentes pontos para que o leitor reflita sobre o tema e entenda a criticidade sobre o assunto. Por exemplo, a autora utiliza diversas fontes dentro da matéria, como a fala de uma mulher que afirma ter dificuldades em uma entrevista de emprego por ter o cabelo cacheado. Outras preocupações associadas à ideia de beleza feminina como ter um corpo que se adeque ao padrão estabelecido pela sociedade, uso de maquiagem e tipos de roupas são tratados na matéria a partir das falas de entrevistadas. É visível que nos dois exemplos, as produções jornalísticas não só respondem as perguntas propostas no conceito de Jara, mas também ultrapassa essas questões ao trazer divergentes pontos da mesma história que, na maioria das produções jornalísticas, não são apontados.

Dessa forma, percebe-se que o jornalismo emancipatório é pautado no diálogo e na visão crítica dos acontecimentos.

Não se trata de um jornalismo para propagandear palavras de ordem ou para disseminar determinados textos ideológicos, mas sim de assumir um posicionamento em um processo de construção coletiva de emancipação (OLIVEIRA, 2014, p. 230).

Oliveira também afirma que para que o jornalismo emancipatório de fato aconteça, o profissional deve trazer diferentes fontes para a mesma matéria, mas mantendo um posicionamento em relação ao tema. As opiniões divergentes dentro da mesma reportagem são fundamentais para que a posição do jornalista seja mais concretizada tentando desconstruir a fala com um diferente ponto de vista.

Isto significa que a prática de jornalismo emancipatório tem posição explícita. Por mais que as diversas vozes – inclusive as divergentes desta posição inicial – sejam registradas, elas veem como elementos de explicação ou justificação para dialogar com a posição inicial tomada (OLIVEIRA, 2014, p. 227).

Outros aspectos da educomunicação dentro do jornalismo é o uso de diferentes mídias digitais para passar a mesma informação. Por exemplo, uma matéria que trate sobre o desemprego na sociedade brasileira e apenas aborde o fato de o desemprego estar presente no Brasil com alguns dados junto a um texto corrido, não vai alcançar o mesmo êxito que uma matéria que utilize diferentes mídias para abordar o tema. Uma reportagem sobre desemprego que apresente dados com uma interpretação fácil e/ou um *podcast* com um debate entre duas pessoas com pontos de vista divergentes tem um sucesso maior

quando o objetivo do jornalista é fazer com que o leitor adquira um senso crítico sobre determinado conteúdo.

Assim, conclui-se que a educomunicação dentro do jornalismo aparece como forma de dar voz para os sujeitos da sociedade e em diferentes maneiras de compreensão de uma mensagem. Para que ocorra um processo educucomunicativo, o jornalista deve estar aberto a ouvir diferentes vozes e trazer diferentes lados de uma história, e, mesmo assim, ser capaz de impor seu posicionamento em relação ao tema e fazer o possível que todo público que consuma a produção entenda tudo que está contido nela e se identifique com seu conteúdo.

Possibilidades

No ensino superior

A educomunicação tem se tornado uma disciplina cada vez mais presente nos cursos de graduação. Além de disciplinas que abordam exclusivamente a comunicação e educação, várias outras são baseadas em teorias educucomunicativas. É crescente, também, o número de graduações e cursos referentes, especificamente, ao tema.

A Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, possui na Escola de Comunicações e Artes (ECA) o curso de licenciatura em Educomunicação, que existe desde 2011. O curso se baseia na junção das áreas da comunicação e da educação, mas também relaciona o campo de produtos midiáticos com as práticas sociais. O educucomunicador, nesse sentido proposto pelo curso, pode ser definido como um administrador de processos comunicacionais.

Logo, a graduação tem como intenção preparar um profissional para as áreas educacionais e comunicacionais, fazendo com que exista um profissional que possa atuar em empresas comunicacionais e no próprio sistema educacional. O curso é oferecido no período noturno e tem como duração mínima oito semestres, ou seja, quatro anos. Além disso, também é obrigatório um estágio na área da gestão de comunicação em ambientes educativos.

A área de atuação do educucomunicador é diversa. Caso escolha trabalhar com maior ênfase na comunicação, tal profissional fará a função de um consultor no meio impresso, digital e audiovisual, além de poder ser o gestor de comunicação em um

ambiente educativo. Já atuando como docente, o educador supre as necessidades comunicacionais, que são necessárias desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB9394 de 1996, fazendo tanto um papel de ensinar o conteúdo, quanto no suporte metodológico.

A educomunicação também aparece no ensino superior desenvolvida em disciplinas específicas. O curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um exemplo. Dentro de tal graduação, há a presença constante das práticas educacionais. Várias disciplinas são ligadas à temática, como “Fundamentos da Educomunicação I e II”, “Responsabilidade Socioambiental em Educomunicação”, “Práticas Educomunicativas em Fotografia”, “Práticas Educomunicativas em TV” e “Práticas Educomunicativas em Rádio”. Isso ocorre pelo fato do curso possuir a linha de formação em educomunicação.

Além dos exemplos supracitados, há também a disciplina de “Comunicação e Educação”, presente no curso de Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A disciplina, que faz parte do currículo obrigatório e é ofertada no primeiro período do curso, tem como base teórica Freire (2001), Soares (2000, 2011), Citelli e Costa (2011), principalmente. A existência de tal matéria dentro de uma grade no curso de jornalismo se dá por vários motivos, a começar pela parte dialógica e pedagógica dentro do jornalismo. O jornalista em si é um educador, afinal, é quem transmite as informações para grande parte da população, sendo por telejornais, programas de rádio, textos de jornais impressos ou virtuais ou até mesmo por meio de fotos. Logo, sem o diálogo, o jornalista não consegue exercer sua profissão. Esse dialogismo, numa perspectiva crítica, é gerado por conta de debates e rodas de conversa propostas dentro da disciplina, através de algumas atividades e aulas expositivas, dando base teórica para discussões. Uma das atividades é a leitura do livro “Extensão e Comunicação”, de Paulo Freire, (2010), acompanhada de uma resenha que deve ser escrita pelos alunos e entregue em um evento, denominado “Café com Paulo Freire”. Nesse momento de reunião da turma, os discentes expõem as ideias, analisam o livro e o relaciona com a prática jornalística em uma troca dialógica de experiências e conhecimentos.

Outra atividade presente na disciplina é sobre o ensino em si, trabalhando a educação, em toda sua extensão da Educação Básica, envolvendo a Educação Infantil, Fundamental I e II e Ensino Médio. Divididos em grupos, os alunos desenvolvem produtos, como vídeos, *podcasts*, grandes reportagens e até jogos, que visem apresentar diagnósticos e possíveis alternativas para o ensino nacional, atrelados com a ideia de um

aprendizado pela comunicação. Há, ainda, uma discussão dentro da sala sobre o produto apresentado, visando evitar o ensino bancário e valorizando, sempre, o diálogo.

Por fim, são desenvolvidos os processos educacionais, sendo este o trabalho final, no qual a turma se divide em grupos e, através de alguns produtos, como documentários, revistas e outros tipos de mídia, apresentam questões sobre determinadas comunidades do município de Uberlândia pelo ponto de vista dos próprios membros do projeto escolhido. Essas associações variam desde grupos ativistas, ONGs, projetos sociais e ambientes institucionalizados, como a escola. O diferencial na produção desses projetos é a forma com que são feitos, sempre com uma aproximação entre o grupo e a comunidade, além do desenvolvimento de produtos que não se baseiem em prestação de serviço, mas sim, como algo realizado junto com o coletivo, de forma educacional. Há, ainda, um *feedback* realizado pela professora que ministra a disciplina, pelos monitores e por um público presente na Mostra Educacional, evento em que são apresentados os trabalhos. Em algumas ocasiões, pessoas das comunidades que participaram dos projetos vão ao evento para terem um retorno do que foi produzido e darem suas próprias impressões do processo.

Ter a disciplina de “Comunicação e Educação” no primeiro período do curso de jornalismo se mostra importante para a formação dos futuros jornalistas. A disciplina consegue apresentar várias questões teóricas que se demonstram importantes a serem usadas pelos jornalistas, como a *práxis* e dialogicidade. Ambos os conceitos são usados em outras matérias, tanto do primeiro período, quanto de outros. Além disso, o trabalho final, em que se acompanha uma comunidade e desenvolve um trabalho junto com a mesma, é de suma relevância por conta da imersão que ocorre no campo jornalístico.

Além disso, mesmo em aulas expositivas, os debates são sempre presentes e envolve diversas temáticas, algo essencial para a área de comunicação. Ler as obras de Freire e outros teóricos faz com que os alunos tenham uma mudança na visão do fazer jornalístico, entendendo o lado do entrevistado e relatando a importância de fazer algo “com” a pessoa entrevistada, demonstrar suas impressões do tema e buscar que ela se identifique com o texto.

Também existem alguns projetos que envolvem o tripé universitário, a saber, Ensino, Pesquisa e Extensão, na UFU, que se relaciona com a educação. Um deles é o Programa de Educação Tutorial (PET), que é um projeto visado para a realização de atividades extracurriculares que complementam a formação acadêmica, sob a orientação

da professora que também ministra a disciplina de Comunicação e Educação. Esse tipo de PET é associado ao âmbito social, por tratar-se de um Programa Conexões, o que caracteriza uma preocupação dos membros em atender a sociedade através de projetos educacionais. O Programa de Bolsa de Graduação (PBG) EducomunicaçãoUFU, é também uma aplicação dos conceitos de comunicação e educação aos alunos do curso de Jornalismo, através da divulgação de notícias, artes, vídeos e projetos desenvolvidos na UFU, em que os discentes realizam o fazer jornalístico pautado pela educomunicação.

Na atividade jornalística

O jornalismo é uma atividade importante para a sociedade, pois não existe sociedade civilizada que não conte com o jornalismo como forma de conhecimento, formação de opinião e tomada de decisões de natureza trivial ou decisões importantes que requerem maior conscientização.

Por conta de todos esses fatores, a atividade jornalística precisa ser bem feita, tanto do ponto de vista técnico, como teórico. Além disso, é necessária qualidade estética, juntamente com comprometimento aos indivíduos. Entretanto, muitas vezes, o fazer jornalístico é realizado de maneira limitada, do ponto de vista técnico e, até mesmo, ético.

O princípio educacional está pautado na dialogicidade entre os sujeitos. Sendo assim, o jornalista necessita planejar bem como vai ser a produção de seu conteúdo, elaborando perguntas para que a entrevista não seja apenas perguntas e respostas, mas sim, um diálogo entre jornalista e entrevistado. Isso faz com que essa atividade tão importante para a sociedade não seja meramente mecanizada, mas sim, humanizada. Tal prática é relevante na atividade jornalística, pois, como formador de opinião, o profissional precisa ter a consciência do seu papel e, principalmente, da trajetória do sujeito com quem divide conhecimento e experiências.

Partindo do pressuposto de que o jornalista tem contato com pessoas e grupos sociais heterogêneos entre si, é importante que esse profissional compreenda a pluralidade que cada sujeito carrega consigo, que podem ou não serem distintas de suas próprias ideologias.

A necessidade da educomunicação aliada ao jornalismo se estende para além da troca de conhecimentos entre os indivíduos envolvidos, mas, também, está relacionada à forma de representação dos distintos grupos sociais e sujeitos retratados no conteúdo

jornalístico. Por meio das linguagens e tecnologias o protagonismo dos sujeitos sociais é evidente, como também, o direito universal à expressão.

A questão agora é: como um profissional pode retratar, de maneira coesa, uma história que ele não vivenciou? Por isso, a importância da vivência do profissional dentro do grupo social, como também, a relação entre jornalista e fonte devem ser a melhor possível para que, por meio dela, possa obter como resultado com conteúdo ético e o mais comprometido possível com as vivências do sujeito.

O jornalista deve se atentar a esse fato, para que busque maneiras de fazer com que o público, em toda sua heterogeneidade, compreenda o conteúdo jornalístico, a partir de uma leitura crítica da mídia. Segundo Freire, a mídia poderia assumir um papel de grande relevância, se os sujeitos fossem coagidos a exceder a leitura ignorante dos signos presentes na mídia e começassem a ter uma leitura crítica de tudo o que veem.

Uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas, por exemplo, que lhe põem no caminho as ideologias. As ideologias veiculadas de forma sutil pelos instrumentos chamados de comunicação. Minha briga, por isso mesmo, é pelo aumento de criticidade com que nós podemos defender desta força alienante. Esta continua sendo uma tarefa fundamental de prática educativo-democrática (FREIRE, 2014, p. 124).

A produção de conteúdo no dia-a-dia de uma redação é na maioria das vezes acelerada demais e, por conta disso, algumas ações antiéticas podem ser percebidas, como a falta de apuração de um fato, que pode ocasionar sérios problemas. É necessária consciência, por parte do profissional da comunicação, de que é responsável pelos efeitos negativos de uma má apuração. Além do mais, é importante destacar relevância de um *feedback* às fontes com quem se trabalha. Tal atitude afirma o ato educomunicativo e nega a objetificação dos sujeitos.

É comum que, na produção de uma pauta, o jornalista determine qual será o eixo da matéria, a linguagem utilizada entre outros pontos. Entretanto, é preciso se atentar para o fato de que a fonte pode ter uma concepção diferente de algo que o jornalista idealizou. Preparação é um dos pontos centrais, mas adaptação é de extrema importância.

A partir do momento que o jornalista, como formador de opinião, produz conteúdo para um determinado grupo social, ele tem papel fundamental para estimulação da realização dessa leitura crítica. A instigação da criticidade do leitor deve partir do profissional de comunicação, por meio da produção de um conteúdo que provoque desafios ao público. Sempre com comprometimento com as histórias e os fatos narrados.

Por conta disso a importância da educomunicação, com provedora de métodos para tal estimulação, é indescritível.

Uma forma para o jornalista conseguir produzir um conteúdo com certo senso crítico é dar opções ao seu leitor, para que ele, por si só, obtenha um ponto de vista sobre o assunto. Independente da veiculação do produto jornalístico (jornal, televisão, internet, rádio e etc), a pluralidade de pontos de vistas é um atributo indispensável para o texto jornalístico. Outra forma, com a qual o jornalista pode contribuir para a criticidade é a de mostrar sua opinião, porém embasada em fatos verídicos, como acontece no jornalismo opinativo.

Em suma, a relação entre o jornalismo e a educomunicação é relevante para a comunicação, assim como, a importância de profissionais sensíveis e comprometidos com os sujeitos envolvidos no fazer jornalístico. É possível fazer conteúdo com alguém e não simplesmente para alguém e esse diferencial é de extrema importância para o comprometimento ético do profissional de comunicação, para a formação de jornalistas conscientes e para o aperfeiçoamento de uma leitura crítica da mídia.

Análises possíveis

A interface entre a comunicação e a educação, como uma ferramenta enriquecedora na práxis jornalística, está inserida na formação dos discentes de jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia a partir do ingresso à instituição, como já foi citado.

Pelo curso se mostrar incorporado à Faculdade de Educação (FACED), que engloba os cursos de Jornalismo e Pedagogia, a aproximação entre os campos é incentivada e instituída no curso do início ao fim. Por meio dos professores e das disciplinas, as discussões são pautadas na necessidade de buscar maneiras mais humanizadas de se comunicar. Assim, a matéria de “Comunicação e Educação” articula-se com os outros aprendizados adquiridos ao longo dos períodos, para que a educomunicação esteja presente no fazer jornalístico em todo o curso e, posteriormente, na vida profissional.

Os trabalhos desenvolvidos na disciplina, através de processos educacionais, possibilitam que os discentes aprofundem o que foi visto em teoria e apliquem em comunidades, fazendo com que troquem suas experiências jornalísticas e as vivências

com aqueles sujeitos. É possível citar como exemplo o “Projeto Palco⁸”, um minidocumentário que visou mostrar como é ser um estudante de teatro, principalmente no contexto de repressão; o projeto “Jornalismo Voluntário: um ensinamento didático/compreensivo⁹”, que consistiu em um jogo educacional desenvolvido com crianças de uma comunidade; e a revista online “Abertamente¹⁰”, destinada aos educadores e que buscou mostrar aos que “ensinam”, o que os que “aprendem” pensam a respeito das matérias e suas dificuldades.

Além disso, deve ser analisada a participação de estudantes de jornalismo no Programa de Bolsas de Graduação (PBG) Educomunicação UFU, já que se dedicam exclusivamente a preencher a lacuna que faltava em relação ao conceito na universidade. A ideia, portanto, é de que o projeto se dedique a reunir todos os trabalhos, produtos e pesquisas referentes à comunicação e a educação existentes na UFU, além de divulgar o que está sendo realizado e explicar, de maneira dialógica e interativa, para o público o que simboliza essa teoria.

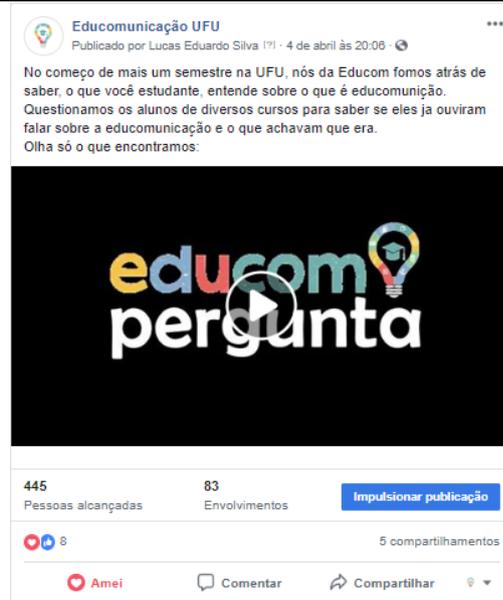
Os princípios e as atividades foram sendo atualizadas de acordo com as tendências digitais e, hoje, participam ativamente da rede social Facebook para associar os seguidores da página ao que é veiculado no site. Atualmente, o grupo vem buscando demonstrar a educomunicação em espaços diversos da universidade, através de vídeos que questionem os alunos da UFU sobre o conceito e de eventos realizados cursos diferentes, que utilizem a teoria educacional como base.

Figura 1: Publicação em vídeo na página Educomunicação UFU do Facebook.

⁸<https://www.youtube.com/watch?v=ROud7HI0-SQ>

⁹<https://jornalismovoluntario.wixsite.com/centro-de-formacao>

¹⁰https://issuu.com/nayaras.ferreira/docs/revista_abertamente



Fonte: Página Educomunicação UFU no Facebook (<https://www.facebook.com/educucomicaoufu/>)

Para ilustrar os projetos práticos que o grupo vem desenvolvendo, a fim de aplicar o jornalismo no cotidiano e na educomunicação, tem-se matérias que abordam debates e diálogos oferecidos pela universidade sobre diversos assuntos, como o feminismo; coberturas de congressos na área da comunicação; entrevistas sobre projetos experimentais; sobre convidados da área que visitam a universidade, entre muitas outras temáticas.

Ademais, a produção, gravação e edição de vídeos garantem que os membros do grupo tenham contato com o audiovisual, criando uma relação com a câmera e com as ferramentas envolvidas. Justamente por isso, vem-se apostando cada vez mais em pautas que incluam a imagem dos discentes da universidade como forma de dialogar sobre a educomunicação.

Figura 2: Publicação de matéria na página Educomunicação UFU do Facebook.



Fonte: Página Educomunicação UFU no Facebook (<https://www.facebook.com/educomunicacaoufu/>)

A página do Facebook também garante que haja experiência em administrar redes sociais, ao responder o público, planejar publicações e assegurar coerência e atualização constante das postagens. Exemplos disso são os compartilhamentos de fotos, vídeos e livros, postagem das matérias produzidas, dos vídeos e de eventos.

Desta maneira, podem ser colocados em prática pelos participantes do projeto tudo aquilo que é aprendido em sala de aula e, também, o que é proporcionado exclusivamente pelo “Educomunicação UFU”. Cobertura fotográfica de eventos, edição de vídeos, elaboração de reportagens, produção de artigos, gerenciamento de site e de redes sociais, participação em grupos de estudos e em congressos são algumas dessas experiências oportunizadas pelo projeto. E isto, indubitavelmente, será um grande diferencial na formação desses profissionais de jornalismo, que saberão executar com sensibilidade e considerável experiência os deveres jornalísticos.

Considerações Finais

A prática jornalística depende de sensibilidade para que seja cada vez mais humana, em que produções são realizadas junto com os indivíduos e para a comunidade. Tal processo, pautado por um conceito educamunicativo, possibilita um olhar empático por parte do profissional em comunicação, que se mostra próximo do sujeito retratado em

seus produtos. É necessária uma troca de experiências e uma dialogicidade para que a identidade da comunidade esteja retratada na mídia e para que o jornalista, assim, possa adquirir vivências e passe a não enxergar pessoas apenas como fontes, mas sim, como membros de um meio social.

Dessa forma, esse jornalista emancipatório vem conquistando espaço nas produções jornalísticas de grandes mídias, que passam a utilizar a educomunicação como base para documentários e grandes reportagens, por exemplo. Isso se deriva de uma preocupação com a escrita e com a maneira de representar os sujeitos em produtos mais sensíveis, muitas vezes, em relação a comunidades menos noticiadas e que precisam de visibilidade.

A importância de um olhar crítico do profissional educador-educando deve ser reafirmada nas universidades, com a implementação de disciplinas com princípios educ comunicativos ou projetos que envolvam a educação e a comunicação. Mesmo que as pesquisas sobre o tema estejam ganhando mais notoriedade, os cursos de graduação em comunicação devem incentivar os discentes a pautarem suas produções nesse conceito fundamental para a realização de um jornalismo que emancipa e educa a sociedade.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 14^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e ação cultural pela emancipação - Uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire.** Universidade de São Paulo, 2014.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio:** no movimento de sentidos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** um campo de mediações. Artigo Nacional, São Paulo, p. 12-24, set. 2000.